



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AValiação de Oficinas de Orientação Sexual para Adolescentes de Cursos Técnicos Integrados

Icaro Arcênio de Alencar Rodrigues
Paula Falcão Carvalho Porto de Freitas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Câmpus Campina Grande;
kikoicaro@hotmail.com

Resumo: A orientação sexual ainda não é uma prática adotada de maneira transversal pelas escolas. Sendo assim, esta pesquisa descritiva, de levantamento, participante e transversal criou espaços para a discussão sobre sexualidade de maneira mais abrangente por meio de oficinas de orientação sexual. Portanto, investigou-se, por meio de questionário, a avaliação dos discentes dos primeiros anos dos cursos técnicos integrados do IFPB – Câmpus Campina Grande sobre as oficinas que participaram. Todos os estudantes avaliaram-nas positivamente, principalmente pelo esclarecimento de dúvidas e pela forma dinâmica e sem preconceitos como foram trabalhadas. DSTs e métodos contraceptivos foram os conteúdos percebidos como mais relevantes. O assunto disfunções sexuais já era de conhecimento da maioria dos discentes. Considera-se que estas oficinas de orientação sexual se mostraram como um instrumento importante para promoção da saúde sexual para adolescentes e surge a possibilidade de investigar o impacto destas oficinas na vida dos estudantes durante o percurso acadêmico.

Palavras-chave: orientação sexual, adolescentes, oficina, técnico integrado.

1 Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente, dentre outras providências, garante ao adolescente o direito à liberdade e a proteção à vida e saúde (BRASIL, 2012). Um dos meios de atingir essas garantias se apresenta como uma das funções da escola: a Orientação Sexual.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Orientação Sexual tem como objetivo promover reflexão, de modo coletivo, sobre as informações recebidas por meio da mídia, da família e das demais instituições sociais, com o intuito de ajudar os educandos a formar opinião a respeito do que lhes foi apresentado, permitindo que estes possam eleger as atitudes que sejam coerentes aos próprios valores (BRASIL, 2006).

Sabe-se que a comunicação entre pais e filhos nem sempre é eficaz, primordialmente no que se refere à sexualidade. Essa dificuldade geralmente está associada à vergonha que os pais e os filhos apresentam e ao medo dos jovens receberem represálias dos pais, como afirma Fonseca, Gomes e Teixeira (2010), em consulta realizada a estudantes que participaram de atividades de orientação sexual.

Contudo, mesmo com o entendimento de que a Orientação Sexual é fundamental para o público estudante adolescente, nem todos os centros educativos tem essa temática estruturada no currículo de formação do alunado. Além da instituição de ensino, Silva (1999)

afirma que a família e a escola necessitam abrir espaços



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de debate sobre questões ligadas à sexualidade, tais como estereótipos de papel de gênero, de identidade sexual e de orientação sexual com vistas a facilitar que homens e mulheres possam se sentir e se relacionar de maneira mais satisfatória e menos conflituosa com os respectivos papéis sexuais demandados pelas novas formas sociais.

Destarte, a presente pesquisa visa investigar como os discentes dos primeiros anos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Câmpus Campina Grande avaliam as oficinas de orientação sexual que vivenciaram.

2 Metodologia

A presente pesquisa pode ser caracterizada como descritiva, de levantamento, participante e transversal. No tocante à pesquisa descritiva, Gil (1999) afirma que esta modalidade visa delinear características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis.

A amostragem desta pesquisa constituiu-se de um grupo de 13 alunos dos primeiros anos dos Cursos Técnicos – Integrados ao Ensino Médio em Manutenção e Suporte em Informática, Mineração e Petróleo e Gás do IFPB – Câmpus Campina Grande, participantes das oficinas de orientação sexual oferecidas pelo Câmpus em questão. A equipe responsável pela ministração das oficinas foi composta pelo Psicólogo, Médica e uma Professora de Biologia do referido Câmpus.

A escolha pelos discentes das primeiras séries dos cursos técnicos – integrados ao ensino médio como público alvo destas oficinas deveu-se ao entendimento da equipe ministrante de que, por estes serem os estudantes de faixa etária mais jovem do Câmpus, provavelmente teriam mais dúvidas, mitos e tabus que poderiam ser conhecidos e quebrados, diminuindo a vulnerabilidades social e, conseqüentemente, promovendo uma vivência da sexualidade de maneira mais segura.

Como Pesquisa de Levantamento esta é distinguida pela solicitação de informações a um grupo de pessoas sobre o problema estudado, para, em seguida, obter as conclusões correspondentes (Gil, 1999). Para este fim o instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário misto, criado pelos próprios autores, contendo 13 questões, com perguntas abertas e de múltipla escolha, voltadas para identificar o perfil social e, primordialmente, a avaliação das oficinas com perguntas a respeito da relevância dos assuntos abordados, questões que buscavam identificar o conhecimento



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

anterior dos estudantes sobre alguns tópicos abordados e sugestões para as próximas oficinas.

Ainda, este trabalho tem como particularidade a pesquisa participante, pois foi desenvolvido durante a execução de oficinas de orientação sexual. De acordo com Severino (2007), na pesquisa participante o pesquisador compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados e, de modo sistemático e permanente, participa das atividades destes sujeitos ao longo da pesquisa.

No tocante ao calendário de pesquisa, este estudo é classificado como transversal. Neste estudo, os dados são coletados em um determinado momento, não em um longo período, e costumam usar a metodologia de pesquisa de levantamento (GRAY, 2012).

O trabalho foi desenvolvido entre os meses de fevereiro e março de 2012, e o questionário foi aplicado no último dia das oficinas. No primeiro dia foram trabalhadas as expectativas dos alunos presentes; discutiu-se o conceito de maturidade de acordo com Pigozzi (2003) com o objetivo de expor a busca da maturidade como foco da adolescência e consequentemente o uso responsável da sexualidade como um dos sinais da maturidade; foi apresentada a diferença entre educação e orientação sexual; o Guia Saúde e Prevenção na Escola (BRASIL, 2006) serviu como base para a aplicação da técnica *Mitos ou Realidades* que visava o diagnóstico sobre os preconceitos dos estudantes sobre a sexualidade, *Identificando Estereótipos* que objetivava o debate sobre os rótulos associados à figura masculina e feminina e o texto *No País de Blowmink* que apoiou a apresentação e o debate sobre o conteúdo *Composição da Sexualidade* (sexo biológico, papel e identidade sexual e orientação sexual).

Disfunções sexuais; sistema reprodutor; métodos contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e AIDS foram os conteúdos trabalhados no segundo dia. As formas de prazer, os riscos e vulnerabilidades foram abordados como fechamento deste dia, assim como o questionário avaliativo das oficinas foi aplicado aos alunos presentes.

O método utilizado para analisar as respostas dos questionários foi a Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (2011) a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que usa procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, sejam eles quantitativos ou não, que possibilitem a dedução de conhecimentos concernentes às condições de produção ou recepção dessas mensagens.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Informa-se também que este trabalho levou em consideração as questões éticas necessárias. Portanto, esta pesquisa foi analisada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba e aprovada no dia 18 de abril de 2011 (CAAE: 0125.0.133.11).

3 Sexualidade, Adolescência e Orientação Sexual

A sexualidade está presente na vida do ser humano desde o nascimento, como mostra Gentile (2006), pois, desde bebê, o ser humano sente prazer em tocar o próprio corpo e descobrir as diferentes sensações que ele pode proporcionar. Contudo, nem sempre a sexualidade é bem compreendida ou vivenciada de maneira adequada.

Se a sexualidade está presente na vida dos seres humanos desde os primórdios da existência destes, em que consiste o termo Sexualidade? A Organização Mundial da Saúde define sexualidade como uma necessidade básica, um aspecto humano que não pode ser separado dos demais aspectos vitais. O termo sexualidade também pode ser definido como a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade. Ela não é sinônimo de coito e não é limitada a presença ou não de orgasmo. Influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, a saúde física e a mental. Ela deve ser considerada um direito humano básico, já que a saúde é um direito fundamental (BRASIL, 2006).

Observa-se que a sexualidade é inerente a qualquer fase do desenvolvimento humano, entretanto o público estudado nesta pesquisa consiste em adolescentes devido às peculiaridades inerentes ao campo de pesquisa no qual se realizou esse trabalho, que foi o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba - Câmpus Campina Grande, mais especificamente os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio desta instituição (BRASIL, 2008).

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento da vida humana na qual a sexualidade tem papel fundamental para o desenvolvimento da personalidade. Todavia, nem todos os adolescentes têm oportunidade de passar por essa fase sem conturbações.

Segundo Palácios e Oliva (2004), entende-se por adolescência um período psicossociológico compreendido a partir dos 12 ou 13 anos até, aproximadamente, os 20 anos e, geralmente, estes ainda se encontram na escola, em processo de profissionalização ou em busca de emprego. A adolescência também é descrita como um processo de transição de um sistema de afeto voltado para a família, passando por um centrado no grupo de iguais até outro cujo foco é uma pessoa de outro sexo; outra característica é o sentimento de ser membro de uma cultura com suas próprias características. Nesse



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

período tem-se início a puberdade, no qual ocorrem mudanças físicas graduais, estimuladas pela produção hormonal que assinalarão o desenvolvimento sexual secundário, como, por exemplo, a capacidade reprodutiva. Essas mudanças impactarão a nível psicológico, afetando a forma de pensar, de sentir e de agir. A falta de informação sobre essas mudanças pode influenciar negativamente esse período.

Como se pode observar, várias são as mudanças e exigências que permeiam o universo do adolescente. Como em qualquer mudança, é possível surgirem dúvidas que podem ser esclarecidas, ou não. E mesmo para aquelas que são explicadas, é imprescindível que estas sejam pautadas em informações seguras e que propiciem a autonomia dos jovens. Todavia, nem sempre o caminho da comunicação entre jovens e adultos a respeito da sexualidade é simples.

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, esconder ou reprimir são respostas comuns dadas por profissionais da escola, baseados no conceito de que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família, todavia muitos outros agentes, sejam crianças, jovens e adultos, transmitirão ideias, tabus, preconceitos, estereótipos, os quais serão incorporados à educação sexual deste jovem (BRASIL, 1997).

Após a infância, o adolescente é cobrado por parte dos pais e da sociedade para que se defina sexualmente e profissionalmente, ou seja, revele sua identidade pessoal. E essas cobranças, geralmente não vêm acompanhadas de um diálogo familiar que demonstre apoio e compreensão, fazendo com que o adolescente tenha que lutar sozinho nesta estrada de descobertas.

Considera-se que falta ainda da família e da escola a função de escuta e orientação: “Pais e professores acusam, com frequência, os adolescentes de não saberem o que querem. Certamente os adolescentes estariam, muitas vezes, em seu direito, caso respondessem aos pais e educadores que estes não sabem o que lhes oferecer” (PALÁCIOS, 1995, p.268).

Não obstante haja uma dificuldade histórica sobre o problema de comunicação entre adultos e adolescentes a respeito do tema sexualidade, um trabalho de pesquisa traz à tona o aumento de espaço para o diálogo sobre sexualidade nas famílias. Dos 99 pais dos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Câmpus Campina Grande participantes desta pesquisa, a maior parte (78,8%) afirmou que já havia conversado sobre sexualidade com os filhos e avaliaram que a instituição escolar deveria tratar deste assunto com os alunos de maneira integral (FREITAS, CAVALCANTE, & RODRIGUES, 2011).

Igualmente, de acordo a Superintendência de Comunicação Corporativa da Caixa Seguros (2012) que promoveu a Pesquisa Juventude,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Comportamento e DST/AIDS, realizada com 1.208 jovens com idades entre 18 e 29 anos, em 15 estados e no Distrito Federal, os pais, a internet e os profissionais de saúde são fontes basais de informação sobre sexo e isto é fator decisivo para a adoção de práticas adequadas sobre DST, AIDS e hepatites virais.

Não só a família e o ambiente educacional são importantes influenciadores do adolescente, no que diz respeito à sexualidade, mas também a mídia, os amigos, assim como o próprio desconhecimento sobre as transformações corporais e psíquicas influenciam essa fase importante da existência, às vezes de forma a tornar a própria vida prejudicial.

Os meios de comunicação exercem uma influência significativa na vida dos adolescentes. Incumbe-se a reflexão de que muitas vezes a mídia incentiva uma erotização exagerada, uma individualização extremamente competitiva em contraposição à prática do diálogo familiar, e a valorização do amor e do respeito (OLIVA, 2004; OZELLA, 2002).

A carência de uma orientação sexual adequada, não só no que tange à informação, mas também no que diz respeito ao controle dos impulsos pode levar o jovem a atitudes de risco, as quais são passíveis de prejudicar a qualidade de vida destes. Bock, Furtado e Teixeira (1999) discorrem que os jovens tardam o casamento e iniciam a vida sexual cedo e com mais frequência, além de terem diferentes parceiros e, em detrimento das campanhas de prevenção à AIDS, o comportamento destes é negligente e baseia-se, primeiramente, na sorte, devido à fantasia de serem onipotentes.

Uma pesquisa mais recente confirma que o maior número dos jovens entre 18 e 29 anos haviam tido a primeira relação sexual entre 14 e 18 anos, com a média geral de 17 anos e média de 16,5 para os rapazes e 17,4 para as jovens (SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO CORPORATIVA DA CAIXA SEGUROS, 2012).

Outro ponto a se destacar é se o currículo geral abordado em instituições de ensino tem demonstrado eficácia para a promoção da saúde dos jovens. Uma pesquisa realizada com adolescentes, em escolas estaduais em Cuiabá, Mato Grosso, revelou que no tocante aos conhecimentos sobre as formas de transmissão das DST/AIDS, a maioria dos jovens não obtiveram resultados satisfatórios nas respostas (CARLETO et al, 2010).

Conseqüentemente, percebe-se que o adolescente precisa estar amadurecido para poder exercer a sua sexualidade em seu sentido pleno. Portanto, para que ocorra um amadurecimento efetivo na adolescência, Pigozzi (2003, grifo nosso) aponta cinco categorias, as quais indicam que a pessoa está suficientemente madura para exercer atividades exigidas pela vida adulta: **desenvolvimento do raciocínio abstrato** - expresso pela compreensão de código de valores; **habilidade em substituir interesses**



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

individuais e imediatistas em prol dos interesses do grupo; capacidade de cortar os intensos laços de dependência que unem à família de origem - principalmente os psicológicos - podendo assumir a responsabilidade pela própria vida, não mais culpando os pais por tudo que ocorre ou ocorreu; **aptidão para construir um relacionamento com outra pessoa**, estabelecendo um investimento afetivo e sexual e **independência econômica** e consequente exercício da autonomia.

Cabe, por conseguinte, a escola, ambiente de capacitação do ser para o uso consciente da cidadania, propiciar para os jovens momentos e espaços para a sondagem, o debate e a informação das questões que envolvem a sexualidade, pois este espaço educacional também não está excluído de manifestações de sexualidade.

Compreende-se, deste modo, que a Orientação Sexual Escolar é uma ferramenta basilar e indispensável na formação dos adolescentes, pois corrobora para o uso responsável da própria sexualidade. Altman (2007) numa pesquisa com alunos do Ensino Fundamental com idade média de 14 anos, sobre a idealização da primeira relação sexual, identificou que os alunos entrevistados referiram o uso da camisinha como essencial durante a primeira relação sexual, e que, portanto, haviam incorporado os ensinamentos escolares de Orientação Sexual preventiva.

A pesquisa de Rodrigues, Galdino e Freitas (2012) que fundamenta este trabalho, feita com 52 alunos dos primeiros anos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB – Câmpus Campina Grande, apresenta o intenso interesse na participação nas oficinas de orientação sexual escolar principalmente pela motivação de adquirir mais experiência. Outro fator importante se revelou pela percepção destes educandos sobre a aceitação dos pais sobre a participação destes em oficinas de orientação sexual. A grande parte dos estudantes (94,3%) acreditava que seus pais aceitariam a participação destes em oficinas de orientação sexual, sobretudo por meio de apoio explícito.

Estas oficinas de Orientação Sexual que foram ministradas para os estudantes dos primeiros anos dos cursos técnicos integrados do IFPB – Câmpus Campina Grande visaram à escuta das experiências e conhecimentos dos próprios alunos, o esclarecimento científico de dúvidas sobre essa temática, o fortalecimento da autonomia através da responsabilidade com a própria vida, pois, atualmente, é dever da escola desenvolver competências para a proteção e o autocuidado, o respeito mútuo e a solidariedade na educação sexual (BRASIL, 2006).

4 Resultados e Discussão

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Dentre os conteúdos investigados no questionário, são apresentados e discutidos os resultados referentes à avaliação das oficinas, a relevância dos assuntos trabalhados durante as oficinas e o conhecimento prévio sobre disfunções sexuais.

4. 1 Avaliação dos Participantes sobre as Oficinas de Orientação Sexual

A avaliação sobre o trabalho do educador é ponto fundamental na prática educacional, pois “[a] reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando mero blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 22). Então, propôs-se aos discentes que avaliassem as oficinas de orientação sexual.

Todos os estudantes que participaram das oficinas avaliaram-na positivamente, principalmente com a justificativa de que muitas dúvidas foram esclarecidas e que a equipe trabalhou de forma dinâmica e sem preconceitos.

Conquanto haja dificuldades na comunicação entre família, escola e adolescente sobre sexualidade, nota-se, em alguns casos, algumas mudanças nesse padrão. Borges, Nichiata e Schor (2006) executaram uma pesquisa com adolescentes entre 15 e 19 anos, matriculados numa unidade de saúde da Zona Leste de São Paulo/SP, os quais apontaram que, embora as maiores fontes de esclarecimento de assuntos ligados ao sexo eram os amigos, enfatizaram também que dúvidas sobre prevenção de gestação eram debatidas com pais, mães e outros familiares, e aquelas sobre doenças sexualmente transmissíveis e AIDS eram discutidas com professores e profissionais da saúde. Compreende-se que foi criado um espaço nas famílias e nos ambientes educacionais para o diálogo sobre sexualidade.

Destaca-se que os discentes interagiram e participaram das oficinas com visível desinibição. Chamou atenção da equipe facilitadora o manuseio dos modelos pélvicos pelos estudantes com curiosidade e sem reserva. Assim, a fisiologia e anatomia dos órgãos genitais, assim como os métodos contraceptivos puderam ser trabalhados da forma mais prática possível.

4. 2 Relevância dos Conteúdos Abordados nas Oficinas para os Alunos

A sexualidade na escola não é percebida apenas em inscrições em paredes, muros e portas de banheiro, no entanto por meio da convivência dos alunos, da influência dos adultos no ambiente escolar os estudantes testam, questionam e tomam como referência a percepção que eles têm da sexualidade dos professores, às vezes



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desenvolvendo fantasias, buscando os seus próprios parâmetros. Portanto, cabe à instituição escolar promover ação crítica, reflexiva e educativa (BRASIL, 1997). Logo, a importância dos assuntos abordados nas oficinas foi investigada, pois estes balizam a significância prática destas no cotidiano dos adolescentes participantes.

O assunto mais relevante segundo a percepção dos estudantes foi o referente às DSTs (25%), seguido dos métodos de contracepção (38%) e da prevenção de riscos (13%). Percebe-se, nas respostas dos alunos, que esses três temas estão interligados revelando a indissociabilidade, com que esses conteúdos foram trabalhados nas oficinas e compreendidos pelos participantes, expresso, por exemplo, na resposta “[...] *tem um que é importantíssimo que são os métodos anticoncepcionais que levam à proteção e evita doenças sexualmente transmissíveis*”. Com menor ênfase foram destacados os assuntos disfunções sexuais, gravidez, desejo sexual e sistema reprodutor.

Para Videres e Brito (2008) existe uma carência por parte dos adolescentes sobre apoio e orientação à saúde que inclua a prevenção de DSTs e AIDS e da gravidez não planejada. Portanto, as oficinas, de acordo com a avaliação dos estudantes, cumpriram com a função de orientar para a saúde sexual preventiva.

Observa-se que as outras categorias identificadas nas respostas (disfunções sexuais; sistema reprodutor, gravidez e desejo sexual) obtiveram pouca ênfase, já que todas tiveram 6% de citação, cada uma. Além do mais, de maneira alguma os conteúdos composição da sexualidade, no qual, por exemplo, discutiu-se o respeito para aqueles que mantêm relacionamentos homoafetivos, foram citados como relevantes. Como a mídia está mais focada no desejo sexual, vários jovens acabam tendo dúvidas em questões ligadas ao corpo e à prevenção de doenças, já que muitos dos adolescentes deste século ainda enxergam a sexualidade como sinônimo de coito e prazer (influenciados pela mídia) não como meio de se buscar a maturidade para o exercício do amor e respeito mútuo.

4. 3 Compreensão pelos Participantes sobre Disfunções Sexuais

Uma das conjecturas dos ministrantes das oficinas foi a de que o conteúdo disfunções sexuais, além de ser de fundamental pertinência para o conhecimento e posterior saúde sexual dos estudantes, seria conhecido pela menor parcela dos adolescentes.

Observa-se que, diferentemente do que se hipotetizou, a maioria dos alunos (61%) já conheciam previamente o conteúdo disfunções sexuais, e a disfunção sexual **ejaculação precoce** foi a mais citada (40%) dentre as disfunções



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conhecidas pelos estudantes. Os meios pelos quais foram informados sobre as disfunções sexuais foram na sua maioria a TV e conversas, principalmente com familiares. Outras oficinas de orientação sexual e internet também foram os meios pelos quais alguns dos estudantes obtiveram informações sobre esse conteúdo.

No que diz respeito à compatibilidade de informações entre as informações anteriores sobre Disfunções Sexuais e as informações trabalhadas nas oficinas atuais, a metade dos estudantes da turma respondeu que houve compatibilidade, mas que as informações destas oficinas foram mais amplas e claras. A outra metade da turma não respondeu a pergunta.

5 Considerações Finais

Apesar da amplitude do acesso à informação de nossos dias atuais, a sexualidade ainda carrega consigo muitos mitos e tabus que precisam ser encarados pela escola. Não é admissível que as instituições de ensino continuem inertes diante dos desafios que atormentam os adolescentes que precisam conciliar as mudanças que ocorrem externamente e internamente no seu corpo com a necessidade de se aperfeiçoar nos seus estudos, precisando afastar os perigos de uma gravidez não planejada ou de alguma doença sexualmente transmissível.

Logo, as oficinas de orientação sexual foram avaliadas positivamente pelos discentes participantes e se mostraram como um instrumento bastante importante para promoção da saúde sexual para adolescentes, constituindo um espaço onde alunos e profissionais podem expor claramente todos os pontos relevantes na tentativa de desmistificar informações não científicas ou má interpretadas pelos jovens estudantes.

Os resultados deste trabalho sugerem uma nova possibilidade de pesquisa sobre o impacto destas oficinas na vida dos estudantes durante o período em que se encontram matriculados na instituição de ensino.

Referências

ALTMAN, H. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 ago. 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**; 13 ed. rev. e amp. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.14, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2011.

BRASIL. Lei 11.898, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 30 dez. 2008.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e Prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação**. Brasília: MS. 2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: SEF. 1997.

_____. (2012). **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 7. ed. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2012. Disponível em: <<http://9cndca.sdh.gov.br/legislacao/Lei8069.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

CARLETO, A. P. et al. Conhecimentos e Práticas dos Adolescentes da Capital de Mato Grosso quanto às DST/aids. **DST - J bras Doenças Sex Transm**, v. 22, n. 4, 2010. p. 206-211 - ISSN: 0103-4065 - ISSN on-line: 2177-8264.

FONSECA, A. D.; GOMES, V.L.O.; TEIXEIRA, K.C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452010000200017>.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAS, P. F. C. P.; CAVALCANTE, C. R. L.; RODRIGUES, I. A. A. A Visão dos Pais acerca da Sexualidade de seus Filhos. In: XIII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, 2011, Londrina. **Anais...** Londrina: SBRASH, 2011. 1 CD-ROM. ISSN 0103-6122.

GENTILE, P. Educação Sexual – Eles querem falar de sexo. **Revista Nova Escola**. ed. 191, p. 22-29, abril 2006.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAY, D. E. **Pesquisa no Mundo Real**. Porto Alegre: Penso, 2012.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO COORPORATIVA DA CAIXA SEGUROS. Pesquisa nacional dos fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/aids e Hepatites Virais, entre jovens de 18 a 29 anos. **Juventude, comportamento e DST/AIDS**. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde. 2012. Organização Pan Americana de Saúde. Disponível em: <http://www.caixaseguros.com.br/CaixaSeguros/arquivos/pesquisa_juventude_aids.pdf>. Acesso em 20 nov. 2013.

OLIVA, A. Desenvolvimento social durante a adolescência. In: COOL, C.; MARCHESI, A.; PAALÁCIOS, J. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 350-357. (Psicologia Evolutiva, v. 1).

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M.; KOLLER, S.H.; BARROS, M. (Orgs.). **Adolescência e Psicologia: Concepções, Práticas e Reflexões Críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. 2002. p.16–24.

PALÁCIOS, J. O que é adolescência. In: COOL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p.263-272. (Psicologia Evolutiva, v. 1).

PALÁCIOS, J.; OLIVA, A. A adolescência e seu significado evolutivo. In: COOL, C.; MARCHESI, A.; Palácios, J. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 309-322. (Psicologia Evolutiva, v. 1).

PIGOZZI, V. De que é feita a adolescência. **Revista Viver Psicologia**, fev. 2003.

RODRIGUES, I. A. A.; GALDINO, P.G.; FREITAS, P. F. C. P. Orientação Sexual: percepções de alunos sobre a sexualidade e a orientação sexual escolar. **Revista Tema**, Campina Grande, v. 13, n. 18 jan./jun. 2012, n. 19 jul./dez. 2012. ISSN 2175-9553. Disponível em: <<http://revistatema.facisa.edu.br/index.php/revistatema/article/view/124/127>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. C. A. Formação e desenvolvimento da identidade sexual ou identidade de gênero. In: RIBEIRO, M. (Org.). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde**. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação Sexual e Educação Sexual, 1999. p. 39-53.

VIDERES, P. M.; BRITO, M. G. Sexualidade e adolescência: Mitos, Preconceitos e Violências. In: GENTLE, I. M.; ZENAIDE, M. N. T.; GUIMARÃES, V. M. G. (Orgs.). **Gênero, diversidade sexual e educação: conceituações e práticas de direito e políticas públicas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 179-197.